

## O “HÉTERO” INTERDITADO: SUBVERSÃO, CENSURA E DESLOCAMENTOS EM UM VERBETE FORMAL E INFORMAL

Matheus da Silva MEDEIROS

Michelle Gomes dos SANTOS

Orientadora: Profa. Dra. Sheila Elias de Oliveira

**RESUMO:** Este artigo objetiva, em um primeiro momento, discutir a atualização do sentido da palavra *hétero*, que desliza para o pejorativo e para o interdito quando inscrito em formações discursivas do discurso feminista e da militância LGBT. Para tanto, adotamos como referencial teórico a Análise do Discurso de orientação pecheutiana. Em um segundo momento, elaboramos verbetes em que descrevemos as situações de uso da palavra *hétero* a partir de exemplos da rede social Twitter. A experiência de elaboração de verbetes teve início em sala de aula, no módulo de Lexicologia e Lexicografia ministrado pela profa. Dra. Sheila Elias de Oliveira no primeiro semestre de 2017.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Lexicografia; Interdição; Sexualidade.

### INTRODUÇÃO

Este artigo nasceu de uma experiência em sala de aula em 2017, em que tivemos, como alunos, que elaborar verbetes para um Dicionário de Interdições para o módulo de Lexicologia e Lexicografia, ministrado pela profa. Dra. Sheila Elias de Oliveira. Cada dupla de alunos tinha como tarefa produzir um verbete lexicográfico formal (seguindo os preceitos da lexicografia tradicional) e outro informal (sem compromisso com os usos de fato da palavra na sociedade, com aspecto lúdico e crítico) de uma palavra que fosse objeto de interdições.

Desenvolvemos a produção do verbete sobre a palavra *hétero*, que, ao inscrever-se em determinadas formações discursivas, é atualizada e tem seu sentido deslizado para o pejorativo e para o interdito. Para Elias de Oliveira (2018), “as interdições [...] procuram normatizar os dizeres, direcionando o movimento das línguas e dos falantes. Um dicionário de interdições interroga esse direcionamento”, indicando “a forte presença, e de diferentes modos, da censura na linguagem”.

Para o desenvolvimento deste artigo, pensamos na seguinte pergunta: que condições sócio-históricas permitem a possibilidade de um deslizamento de sentido da palavra *hétero*, quando vivemos em uma hegemonia cultural heterossexual? (MISKOLCI, 2012) E depois, como se produz esse deslocamento? Para respondê-las, adotaremos a Análise do Discurso pecheutiana como referencial teórico, pensando o funcionamento da palavra

*hétero* no interior de uma discursividade que não é dominante ou hegemônica, mas está em relação incontornável com o político, o social e o ideológico, como todo discurso está.

Na primeira seção, faremos uma aproximação entre discurso, interdição e silêncio, tendo no horizonte a historicidade da língua e considerando “os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer”. (ORLANDI, 2010, p. 16)

Na segunda seção, discutiremos os processos de identificação e a interpelação ideológica pelos sujeitos, que, ao reconhecerem determinada formação discursiva, significam-na e significam-se. Compreendemos o sujeito como atravessado pela Ideologia e pela história, e pelos efeitos ideológicos fundamentais, tal como proposto em Pêcheux (1975) e retomado em Orlandi (2010).

Na terceira seção, abordaremos a proposta de produção de um Dicionário de Interdições, e apresentaremos nosso trabalho lexicográfico com a produção do verbete sobre a palavra *hétero*, analisando-o na quarta seção.

## 1. DISCURSO, INTERDIÇÃO E SILÊNCIO: POSSÍVEIS RELAÇÕES

Em *A ordem do discurso* (1996), o filósofo Michel Foucault destaca a interdição como o mais evidente procedimento discursivo de exclusão, uma vez que não se pode dizer qualquer coisa, em qualquer momento, em qualquer lugar. Mais além, para Foucault, a interdição está sempre atrelada a desejo e poder, pois nenhum discurso é neutro, de modo que a interdição serve à manutenção de uma ordem, um regime de controle do discurso. O discurso é o objeto de desejo e pelo que se luta, e no materialismo histórico da Análise do Discurso pecheutinana não o tomamos como um reflexo das assimetrias e disputas sociais, mas essencialmente como o lugar material da luta ideológica e das contradições que dividem os sentidos e os sujeitos.

As disputas de sentido em torno da palavra *presidenta*, no governo de Dilma Rousseff, são um exemplo de como o discurso é um lugar importante desses conflitos. A escolha da ex-presidenta em flexionar o gênero da palavra *presidente* gerou posicionamentos a favor, mas também muitos posicionamentos contrários à escolha, acusando Rousseff de não saber a própria língua, devido à flexão de gênero em um substantivo que, pela norma culta, não variaria em gênero (a exemplo de estudante ou informante, entre outros). Mas Rousseff não só sabe sua própria língua como tem consciência da ideologia inerente a todo discurso, pois, ao assumir o posto de primeira mulher presidenta do Brasil, subverteu a ordem do discurso e reafirmou sua identidade como mulher, sabendo que em um país de tradição misógina e de dominação masculina, uma palavra como *presidente* jamais poderia ser neutra. À luz da teoria de Pêcheux (2006), a enunciação da palavra *presidenta*

pode ser interpretada como um acontecimento discursivo, na medida em que há um encontro entre uma atualidade e uma memória, promovendo deslocamentos e rupturas na ideia que se tem sobre um presidente. A enunciação de *presidenta* traz à tona o não-dito que associa historicamente a ocupação do cargo de presidente ao gênero masculino e, por isso, produz um estranhamento que não diz respeito à regra da neutralidade morfológica de gênero, mas à forma da língua inscrita na história, em sua memória de sentidos.

Por esse caráter polêmico, dizer *presidenta*, em certas circunstâncias, em certos grupos sociais que reproduzem o discurso heteronormativo, provoca controvérsias, discordâncias e conflitos, torna-se palavra interdita. Essa interdição é, no entanto, justificada por quem discorda da utilização do termo por meio de argumentos supostamente científicos, que se colocam em posição de dizer o que é *certo* e o que é *errado* na língua<sup>1</sup>. Há também interdições ligadas à reivindicação de direitos: militantes LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) rejeitam o uso da palavra *homossexualismo*<sup>2</sup> e declaram preferência pela palavra *homossexualidade*, devido ao fato de a primeira estar associada a um discurso médico patologizante, que perdurou durante todo o século XIX e grande parte do século XX. A homossexualidade não é mais considerada doença pela OMS (Organização Mundial de Saúde) desde 1990, mas a palavra *homossexualismo*, por efeito de memória discursiva, ainda encerra em si uma estreita relação com a homofobia corroborada pelo discurso médico. No entanto, há quem argumente em favor do direito de poder usar a palavra *homossexualismo* sem que, necessariamente, seja interpretado como preconceituoso. Esse gesto pode ser interpretado como o esquecimento ideológico de Pêcheux, pelo qual o sujeito tem a ilusão de ser a origem da linguagem e a ilusão de que o que ele diz significa apenas o que ele diz. Mas como ressalta Orlandi (2010, p. 35), “embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade”.

Esses dois conflitos de produção e deslocamentos de sentido, tanto em *presidente/presidenta* como em *homossexualidade/homossexualismo*, ilustram uma característica fundamental do discurso, que é a sua historicidade. Brandão (2004) ressalta que um discurso nunca é autônomo, ele remete sempre a outro discurso, em uma cadeia de já-ditos que tornam a enunciação um processo que faz circular dizeres anteriores, que podem ser atualizados, reiterados, reproduzidos. Somos sujeitos históricos e sociais que

---

<sup>1</sup> Um exemplo desse tipo de manifestação pode ser encontrado na matéria a seguir, intitulada “Ainda uma vez a bizarrice presidenta”. Disponível em: <<https://www.marcoauferiodeca.com.br/2013/05/15/ainda-uma-vez-a-bizarrice-presidenta/>> Acesso em 17 out 2018.

<sup>2</sup> O site Movimento LGBT, por exemplo, rejeita o uso da palavra homossexualismo, justificando pelo fato do sufixo “-ismo” indicar patologias, doutrinas ou ideologias. Disponível em: <<http://movimentolgbt.com.br/homossexualidade-x-homossexualismo/>> Acesso em 17 out 2018.

se significam pela língua, de maneira que, entre militantes da causa LGBT, a palavra *homossexualismo* — pelo corpo sócio-histórico constituído de uma memória de sentidos pejorativos — é interdita. Ancorada nos avanços da ciência, a reivindicação dos movimentos sociais LGBTs rompe com o efeito de evidência do discurso hegemônico heteronormativo sobre a palavra *homossexualismo*. A auto-nomeação como *presidenta* por Dilma Rousseff também rompe com a evidência desse discurso.

Em *As formas do silêncio*, Orlandi (2007) aponta que, para a linguagem funcionar, ela precisa de um lugar “outro”, que se fundamenta no silêncio. A pesquisadora distingue duas formas de silêncio: 1) o silêncio fundador e 2) a política do silêncio. A política do silêncio, a qual pretende-se abordar neste trabalho, subdivide-se em duas: o silêncio constitutivo e o silêncio local (a censura).

O silêncio constitutivo é a lógica do “x para não dizer y”, na medida em que todo dizer cala um não-dizer. Os sentidos do dizer são produzidos pela inscrição dos sujeitos em formações discursivas, que são historicamente determinadas. Há sempre um excluído nesse processo, um não-dito, um silêncio. O silêncio significa em si mesmo e é inseparável do dizer.

O silêncio também pode ser local, como a censura. Nesses casos, ele é uma imposição, de maneira que não cala o interlocutor, mas o impede de sustentar este ou aquele discurso, afetando a movimentação da sua identidade. Em Orlandi (2007, p. 104),

A censura tal como a definimos é a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proibem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições. Se se considera que o dizível define-se pelo conjunto de formações discursivas em suas relações, a censura intervém a cada vez que se impede o sujeito de circular em certas regiões determinadas pelas suas diferentes posições. Como a identidade é um movimento, afeta-se assim esse movimento. Desse modo, impede-se que o sujeito, na relação com o dizível, identifique-se com certas regiões do dizer pelas quais ele se representa como (socialmente) responsável, como autor.

A autora traz como exemplo interdições no discurso político, como a que incide sobre as palavras *comunista* e *esquerda*, em que caso o sujeito se diga *comunista* ou *de esquerda*, corre o risco de ser significado onde não pretende. Na proposta do Dicionário de Interdições, ainda apareceu a palavra *petista*, que em uma formação discursiva direitista dominante tornou-se sinônimo de *corrupto*.

Na Rússia, país que sediou a Copa do Mundo de 2018, vigora desde 2013<sup>3</sup> uma lei que proíbe o que o parlamento chamou de *propaganda homossexual* e manifestações de *relações sexuais não tradicionais*. Uma interdição que recai sobre a linguagem e

---

<sup>3</sup> Rússia aprova lei que pune ‘propaganda gay’ e ofensa a religiosos. Da France Presse em Moscou. Folha de S. Paulo. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/06/1293230-russia-aprova-lei-que-pune-propaganda-gay-e-ofensa-contr-religiosos.shtml> Acesso em 12 ago 2018.

sobre a expressão dos sujeitos, como evidencia as palavras *propaganda* e *manifestações*. Embora no Brasil não haja lei que proíba homossexuais de circularem de mãos dadas nas ruas ou de se dizerem homossexuais em público, há um efeito de censura que age silenciosamente, sem que seja institucionalizado, sob o peso e vigilância da *norma* e de uma discursividade que associa a homossexualidade a sentidos pejorativos, o que afeta diretamente o movimento da identidade de sujeitos LGBTs.

Nos últimos anos, com o crescimento do movimento LGBT e da luta por direitos humanos, observa-se a inversão do insulto em palavras como *bicha*, *viado* e *sapatão*, que são ressignificadas positivamente em dadas circunstâncias de enunciação, ao passo que os sentidos da palavra *hétero* deslizam para o pejorativo ao ser atualizada em uma formação discursiva que a interdita. No próximo tópico, buscaremos compreender os processos discursivos que permitem e culminam na desestabilização dos sentidos da palavra *hétero*, e como a interdição, em ambientes específicos em que a formação ideológica dominante é feminista ou LGBT, incide sobre a palavra.

## 2. O “HÉTERO” INTERDITADO

É importante ressaltar que quando falamos em LGBTs, feministas ou héteros, não estamos falando de categorias fixas ou homogêneas, pois a identidade é um movimento na história (ORLANDI, 1998). Os sujeitos são interpelados ideologicamente por modos de significar o mundo e, conseqüentemente, ao significarem, significam-se. Essas categorias de identificação (LGBT, feminista, mãe, professor, etc.) estão conectadas a uma ordem discursiva de um dado período, com sentidos que estão sempre em disputa. Orlandi (1998) observa que é preciso que haja uma ideia de unidade em cada sujeito que permita a ele uma singularidade para que, no movimento da identidade, ele possa se deslocar entre várias funções. Uma mulher — o que, por si só, já constitui uma categoria de identificação — pode ser ainda mãe, feminista, professora, casada, entre outras funções sociais, enquanto outra mulher pode ser engenheira, solteira e sem filhos. As possibilidades de subjetividade são várias. A Análise do Discurso entende a identidade como um processo fragmentado, plural e instável, em que “sujeito e sentido se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processos de identificação” (ORLANDI, 1998, p. 205), implicando “uma relação da língua [...] com a história, funcionando ideologicamente”. (p. 205)

A pesquisadora reconhece o lugar dessa necessidade de unidade nos processos identitários, mas ainda aponta a ilusão de uma identidade imóvel como um ponto de ancoragem para processos de exclusão e preconceitos. Esses processos de exclusão têm sua origem no lugar da produção da diferença e das representações cristalizadas que estão sempre em conexão com o poder. Assim, existem estereótipos de LGBTs e feministas que se baseiam em ideias cristalizadas a respeito desses sujeitos e que se propõem fixas

e imutáveis, sustentadas e reiteradas por um discurso dominante misógino, homofóbico e transfóbico. Esses estereótipos ganham *status de realidade* (LOURO, 2001, p. 16), de única narrativa reconhecida de um indivíduo/grupo. Para Orlandi (2007, p. 96):

é isto, aliás, a ideologia para o analista do discurso: estando os sujeitos condenados a significar, a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais e eternas, daí resultando a impressão de sentido único e verdadeiro.

Em Orlandi, a produção da diferença só se torna possível por meio do silêncio. Se a irregularidade e imprevisibilidade são inerentes aos sentidos e aos processos de identificação do sujeito, então o que mantém o sujeito em sua identidade não é sua inscrição em uma dada formação discursiva, mas sua não-inscrição em outras formações discursivas, a identidade está também nos possíveis deslocamentos, que são trabalhados *no e pelo* silêncio, em estreita relação com o interdiscurso.

Dessa forma, um sujeito *heterossexual* assim se define porque ele não é um sujeito *homossexual*. Esse processo ainda se estende a outras oposições binárias como *branco/negro* e *homem/mulher*. O sociólogo Richard Miskolci (2009) utiliza o conceito de desconstrução em Derrida para apontar o implícito dentro de uma oposição binária, na qual heterossexual, por exemplo, precisa da homossexualidade para sua definição, e vice-versa; mas essencialmente há relações de poder envolvidas nessas oposições binárias, sentidos históricos que naturalizam um dos lados desses polos como hierarquicamente inferior — homossexual, negro, mulher —. Uma posição é hegemônica, a outra é subalterna, inferiorizada.

Em nossa sociedade, agrupamentos sociais cuja formação ideológica é dominante ocupam uma posição superior em uma hierarquia social que não somente dita a norma como, nesse procedimento, também dita o que não é a norma, em um processo duplo de aceitação/rejeição em que os grupos envolvidos disputam sentidos. Esses sentidos são produzidos em contexto de relações de poder e têm efeitos de poder (LOURO, 2004), logo, efeitos de inclusão/exclusão e de poder de representação da alteridade. Grupos dominantes produzem discursos dominantes, cristalizados e institucionalizados e detêm dispositivos discursivo-ideológicos para desprestigiar, enfraquecer ou reprimir os discursos contradominantes. Para Foucault,

(...) em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. (FOUCAULT, 1996, p. 8-9)

Logo, em uma sociedade misógina, é comum que feministas sejam rotuladas como loucas, lésbicas ou feias<sup>4</sup>; ou que, em uma sociedade homotransfóbica, uma manifestação por direitos iguais de LGBTs seja acusada de querer privilégios com relação a sujeitos cis-heterossexuais. São mecanismos discursivos de manutenção do *status quo* que objetivam manter os privilégios da classe dominante e a ordem de poder heteronormativa. Miskolci (2012) afirma que o heterossexismo, a heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade são três conceitos-chave para entender a hegemonia cultural hétero em nossa sociedade. O heterossexismo é a pressuposição de que todos são héteros, a heterossexualidade compulsória é a imposição do modelo de relações afetivo-sexuais apenas entre homens e mulheres e a heteronormatividade é a ordem sexual que se baseia em um modelo familiar, heterossexual e reprodutivo. A hegemonia cultural hétero, de tão naturalizada, possui caráter neutro/científico, como alerta Miskolci (2012, p.44):

[...] na esfera da sexualidade e do desejo, a maior parte do que é reconhecido socialmente como discurso autorizado a falar é produzido dentro de uma epistemologia dominante, criada sob essa suposta “cientificidade”, que pouco difere de um compromisso com a ordem e o poder.

No entanto, veremos que inserida em uma discursividade contradominante, que é colocada para fora da norma, a palavra *hétero* perde seu caráter de lugar privilegiado. Quando não inscrita nessas discursividades que deslocam o *hétero*, o uso da palavra causa até estranhamento, devido ao caráter tão naturalizado de normalidade, a tal ponto que não se precisa nomear ou classificar. O contexto de empoderamento das militâncias feminista e LGBT possibilita subjetividades outras, que desestabilizam o sentido do termo: hétero não é mais somente o sujeito atraído afetiva e sexualmente pelo sexo oposto; na nova divisão de sentidos, hétero é o homem homofóbico e misógino, que precisa reafirmar sua masculinidade com frequência, como observaremos na seção quatro.

### 3. O “HÉTERO” DICIONARIZADO

Pensando no heterossexismo, na heterossexualidade compulsória e na heteronormatividade, já anteriormente, decidimos analisar em que contextos surgem o sentido pejorativo e interdito da palavra *hétero*. A proposta de construção de um verbete formal e um informal no dicionário de interdições tem como objetivo que “os alunos experienciem, como estudiosos da linguagem e como falantes da língua descrita, o fazer lexicográfico” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2018). O projeto de construção de dicionários

---

<sup>4</sup> Feminismo: de refúgio das barangas recalçadas para máquina de destruição de beleza. Blog do Rodrigo Constantino. Gazeta do Povo. 2017. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/feminismo-de-refugio-das-barangas-recalçadas-para-maquina-de-destruicao-de-beleza/>> Acesso em 13 mar 2018.

especializados de língua é realizado pela professora desde 2013, com os alunos de Letras e Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP, sendo o “Micro-dicionário de Gírias que Circulam no IEL” sua primeira proposta. De acordo com Elias de Oliveira (2018), nos dois projetos os alunos elaboram um verbete formal e um informal para o mesmo vocábulo, sendo o verbete formal produzido “segundo a proposta de um dicionário geral de língua portuguesa assinado por dicionaristas reconhecidos como detentores do saber sobre a língua e sobre a lexicografia, tais como Aurélio, Borba ou Houaiss”, enquanto o verbete informal buscaria se basear mais na relação do falante com a língua, “exercitando a ludicidade, o jogo sobre a língua na ausência de compromisso com os empregos de fato da palavra-entrada na sociedade”.

Durante a elaboração dos verbetes, foi pedido que os alunos retirassem seus exemplos da internet e das redes sociais, para que fosse possível refletir “sobre as divisões políticas de línguas e falantes” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2018), observando também a relação língua/sociedade, já que “os dicionários produzem um duplo saber sobre a língua e sobre a sociedade da qual a língua fala, tomando a própria língua como parte da sociedade” (COLLINOT E MAZIÈRE, 1997, apud ELIAS DE OLIVEIRA, 2018), ao mesmo tempo em que as redes sociais são ambientes em que circulam um número muito grande de informações e opiniões, que “unem ideias em torno de interesses compartilhados” (MARTELETO, 2001, p. 72), e tudo isso por meio da linguagem.

Optamos por elaborar o verbete *hétero* em torno de seu sentido pejorativo, fugindo à definição de heterossexual como “indivíduo que pratica o ato sexual com indivíduos de sexo diferente do seu” (Mini Aurélio Século XXI Escolar, 2000, p. 363), uma vez que na maioria dos espaços a palavra não perde seu lugar privilegiado e nosso objetivo era justamente dar visibilidade à tensão de sentidos que fazem com que a autodenominação *hétero* possa ser questionada como significando possivelmente ou mesmo potencialmente não só a vivência da sexualidade do sujeito autoidentificado como hétero, mas também sua filiação a um discurso heteronormativo que deseja controlar a sexualidade do outro. Com os exemplos, será possível observar a ocorrência de casos em que o termo teria seu sentido negativo interditado.

### 3.1. Verbetes formais

**Hétero.** s. adj s/g (hé.te.ro) Palavra que tem sofrido alterações em relação ao sentido na língua portuguesa falada no Brasil. Quando utilizada por grupos específicos, especialmente LGBTs e mulheres, e principalmente em redes sociais mas não somente nelas, a palavra vem carregada negativamente, como uma forma desses grupos de subverter a violência diária a que são submetidos. O medo, a injustiça e a opressão fazem com que a palavra seja usada para definir um ambiente ou pessoa que devam ser evitados,



designando [pej] 1. indivíduo do sexo masculino que reproduz um conjunto de modos, características e estilos associados ao mundo masculino e a padrões de masculinidade hegemônicos na sociedade, que se perpetuam em espaços considerados tradicionalmente heterossexuais;



Figura A<sup>5</sup>

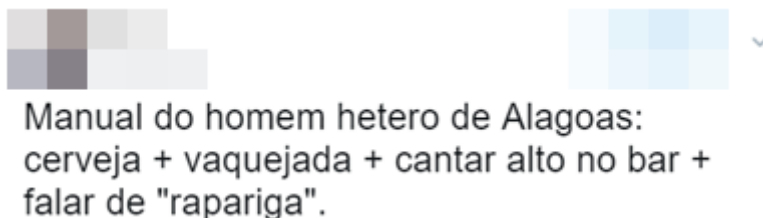


Figura B<sup>6</sup>

[pej] 2. um padrão de atitudes comuns a determinados homens heterossexuais, especialmente no que se refere à homofobia e à misoginia;

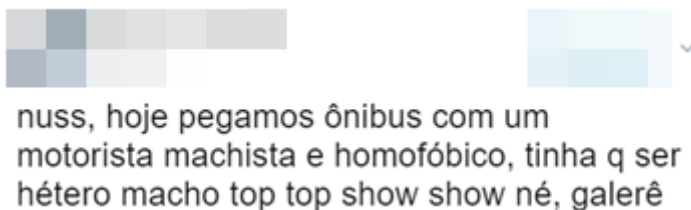


Figura C<sup>7</sup>

[pej] 3. indivíduos que causam vergonha alheia;

---

<sup>5</sup>. Disponível em: <[twitter.com](https://twitter.com)> Acesso em: 17 mai 2017.

<sup>6</sup>. Disponível em: <[twitter.com](https://twitter.com)> Acesso em: 17 mai 2017.

<sup>7</sup>. Disponível em: <[twitter.com](https://twitter.com)> Acesso em: 17 mai 2017.

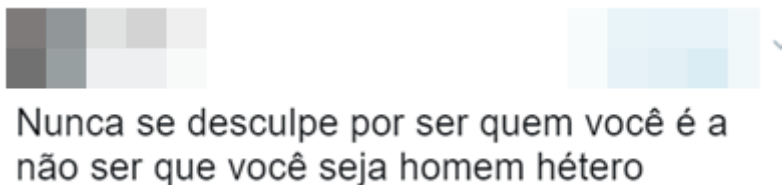


Figura D<sup>8</sup>

4. indivíduo heterossexual. Na medida em que pressupõe a existência da homossexualidade, que se constitui como um tabu social, a utilização desse sentido da palavra também causa estranhamento.

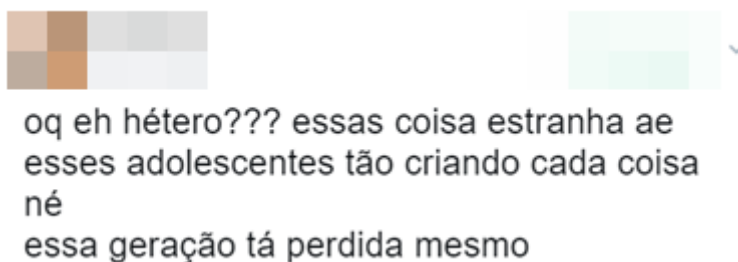


Figura E<sup>9</sup>

### 3.2. 5. Verbete informal

[pej] 1. A palavra hétero tem sua origem na pré-história, tendo sofrido mudanças significativas até os dias atuais. Na Pré-História (do surgimento do homem até 4000 a.C, aproximadamente), a palavra era utilizada para classificar os machos da espécie homo sapiens que veneravam o próprio órgão sexual. Mas foi só a partir da Antiguidade (4000 a.C-476 d.C), pelas graças da deusa grega Atena, que a palavra passou a ser utilizada para se referir a um conjunto de atitudes de homens com grandes capacidades físicas, porém pouco dotados de intelecto. Com o passar do tempo, os estudos voltados para esse grupo foram aprofundados, passando por influentes matemáticos e físicos até a Idade Contemporânea.

---

<sup>8</sup>. Disponível em: <[twitter.com](https://twitter.com)> Acesso em: 17 mai 2017.

<sup>9</sup>. Disponível em: <[twitter.com](https://twitter.com)> Acesso em: 17 mai 2017.



Figura F<sup>10</sup>



Figura G<sup>11</sup>

Na Figura F, vê-se uma das primeiras representações de hêteros que se tem conhecimento. A Figura G apresenta uma arte cerâmica pré-histórica, esculpida com o objetivo de enfatizar e engrandecer a figura do órgão sexual masculino. A preocupação e o destaque concedidos ao tamanho desproporcional do pênis antecede as propagandas de internet maliciosas da contemporaneidade, que seduzem os homens hêteros com a promessa de aumento peniano.

---

<sup>10</sup>. Disponível em: <<http://01prehistoria.blogspot.com.br/2012/06/desenhos-feitos-nas-cavernas-no-tempo.html>> Acesso em 18 mai 2017

<sup>11</sup>. Disponível em: <<https://historiablog.org/2013/07/09/sexualidade-expressa-na-arte-da-ceramica-pre-colombiana/>> Acesso em 18 mai 2017

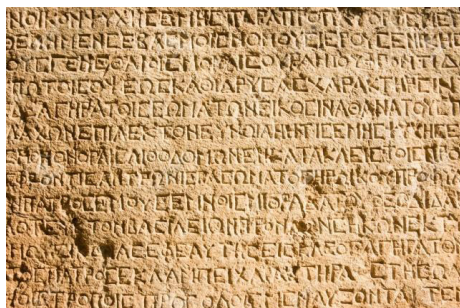


Figura H<sup>12</sup>

Na Figura H, o manifesto de Atena contra o seu irmão, o deus grego da guerra Ares. A deusa fica indignada com a estratégia impulsiva e mal pensada do irmão na Guerra de Troia. Furiosa, ela, que é também deusa da guerra, escreve um manifesto em uma rocha detonando o irmão: “[...] Que estratégia estúpida de hétero! Como se eu não tivesse coisa melhor pra fazer! [...]”.



Figura I<sup>13</sup>

Na Figura I, vemos as primeiras tentativas de definição do que é ser hétero. Percebemos a presença de cálculos matemáticos, o que demonstra a preocupação dos antigos em melhor compreendê-los.

Na Idade Contemporânea, a palavra passou por grandes mudanças e é utilizada para se referir a [pej] 2. indivíduos que apresentam comportamento grosseiro, tacanho ou desviante;

---

<sup>12</sup>. Disponível em: <<http://keywordsuggest.org/gallery/401988.html>> Acesso em: 21 mai 2017.

<sup>13</sup>. Disponível em: <<http://www.enterrasolutions.com/2011/01/going-to-st-ives-mankinds-ability-to-solve-problems.html>> Acesso em: 18 mai 2017.



Figura J<sup>14</sup>



Figura K<sup>15</sup>

[pej] 3. indivíduos indesejados na convivência social diária;



Figura L<sup>16</sup>

---

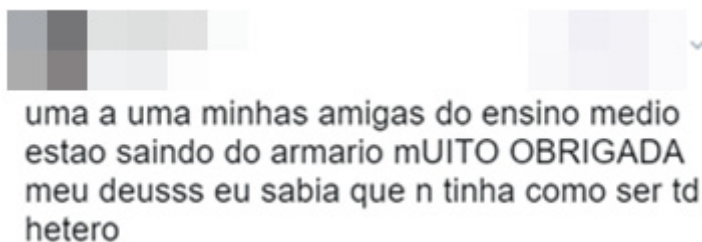
<sup>14</sup>. Disponível em: <[twitter.com](https://twitter.com)> Acesso em: 18 mai 2017.

<sup>15</sup>. Disponível em: <[twitter.com](https://twitter.com)> Acesso em: 18 mai 2017.

<sup>16</sup>. Disponível em: <[twitter.com](https://twitter.com)> Acesso em: 18 mai 2017.



Figura M<sup>17</sup>



Figuras N<sup>18</sup>

[pej] 4. uma minoria social oprimida nas novas relações de dominação instituídas por grupos LGBTs no poder;

---

<sup>17</sup>. Disponível em: <[twitter.com](https://twitter.com)> Acesso em: 18 mai 2017.

<sup>18</sup>. Disponível em: <[twitter.com](https://twitter.com)> Acesso em: 18 mai 2017.

Página do orgulho hetero caiu obrigado lady gaga



Figura O<sup>19</sup>

[pej] 5. indivíduos em desvantagem biológica no que se refere à busca por um parceiro sexual;



Figura P<sup>20</sup>

<sup>19</sup>. Disponível em: <[twitter.com](https://twitter.com)> Acesso em: 18 mai 2017.

<sup>20</sup>. Disponível em: <[twitter.com](https://twitter.com)> Acesso em: 18 mai 2017.

#### 4. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Como resultado, a partir dos exemplos encontrados nas redes sociais, chegamos à definição formal de *hétero* como, principalmente, “indivíduos que reproduzem padrões de masculinidade em vigência na sociedade, padrões esses que se firmam em lugares possivelmente opressivos” e “indivíduos com atitudes homofóbicas e misóginas”. Isso nos confirma que a desestabilização do termo acontece em contextos de empoderamento das militâncias feminista e LGBT, como pode ser visto na Figura A, que mostra a afirmação da heterossexualidade por meio do futebol: “quando o Flamengo ganha eu fico bem hetero ja quero ir pro bar”. No segundo verbete, a usuária descreve comicamente o fato de ter encontrado um motorista machista e homofóbico, o que ela justifica dizendo “tinha que ser hétero macho top top show show né, galerê”. No tweet da usuária, estabelece-se uma relação de continuidade entre machistas, homofóbicos e homens *héteros*, mas esses homens *héteros* não são denominados apenas como *héteros*, mas como “hétero macho top top show show”. Chama a atenção a repetição das palavras *top* e *show*, precedidas ainda por *macho*, demarcando uma crítica à necessidade de homens de reforçarem constantemente a própria masculinidade.

A desestabilização do termo também permite que ele seja utilizado para se referir a um sujeito que reproduz comportamentos preconceituosos e que caracterizam opressão, em um contexto de empoderamento das militâncias feministas e LGBT. Observamos nos exemplos que esses comportamentos, geralmente, dizem respeito à afirmação da heterossexualidade pelos indivíduos do sexo masculino, como ilustrado pela figura D, em que se lê “nunca se desculpe por ser quem você é a não ser que você seja homem hétero”. Além de, por meio do humor, permitir abordar temas ainda considerados um tabu social, como a homossexualidade, como pode ser observado em: “oq eh hétero??? essas coisa estranha ae esses adolescentes tão criando cada coisa né. essa geração tá perdida mesmo” (Figura E).

O verbete informal, por sua vez, se propõe a realizar uma crítica bem humorada com o sentido proibido da palavra. Começando na pré-história e progredindo até a contemporaneidade, as cinco definições, por meio do humor, invertem a posição de superioridade do sujeito heterossexual na hierarquia social, fazendo com que as atitudes machistas e misóginas que permitem o sentido pejorativo da palavra *hétero* também façam com que o grupo de sujeitos que as reproduzem deixem de ocupar a posição dominante que geralmente ocupam. Isso pode ser verificado nos verbetes: (2) “indivíduos que apresentam comportamento grosseiro, tacanho ou desviante”, que acaba retomando o sentido de comportamentos que causam constrangimento, como no trecho “tinha que ser coisa de hétero” (Figura K); (3) “indivíduos indesejados na convivência social diária”, exemplificado pela expressão “sai hétero!!!” (Figura L); e (5) “indivíduos em



desvantagem biológica no que se refere à busca por um parceiro sexual”, que mais uma vez alude a um tabu social, como pode ser visto em: “Ser hetero deve ser tão ruim pq diminui suas opções de flerte na metade, e n pode flerta com td mundo” (Figura P).

Os verbetes brincam com os símbolos da masculinidade, mais uma vez criticando-os por meio do humor, como ocorre na primeira definição, que faz referência a uma peça em cerâmica que enaltece o órgão sexual masculino. A história ficcional envolvendo Ares e Atena satiriza o fato de atributos como a força e a violência serem significados positivamente pelo homem moderno como características fundamentais de uma masculinidade hegemônica e, portanto, heterossexual.

As definições históricas no informal criam uma memória crítica e jocosa para a palavra; as contemporâneas, como no verbete formal, se fundamentam em exemplos das redes sociais, o que dá visibilidade a um movimento de ressignificação do *hétero* como sujeito indesejável em certos meios. A interdição que recai sobre a palavra é uma crítica ao sujeito que ela nomeia, e pode ser atestada por seu uso em redes sociais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os exemplos encontrados nas redes sociais, inseridos seja no verbete formal, seja no verbete informal, fazem uso do humor para sustentar a sua crítica, sempre voltada a homens. As mulheres, mesmo quando se identificam como heterossexuais, ainda fazem parte de uma minoria social e também são vítimas de um padrão de masculinidade tóxica que legitima uma forma de ser heterossexual e de ser homem que se encontra em estreita conexão com a misoginia. Com relação ao humor, este configura-se em um espaço que permite que discursos considerados proibidos, ou tabu, circulem pela sociedade (POSSENTI, 2002, p. 25-26). Embora esse espaço possa ser usado para circulação de estereótipos, piadas machistas, racistas e homofóbicas, também é possível fazer dele o lugar da resistência, assim como é possível fazer do dicionário um espaço de reflexão crítica sobre as relações entre as palavras e as coisas.

---

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, H. H. N. (2004). *Introdução à análise do discurso*. 2ª ed. Editora Unicamp: Campinas, SP.
- ELIAS DE OLIVEIRA, S. (2018). Linguagem, interdição e subjetividade em Benveniste. In: AGUSTINI, Cármen; RODRIGUES, Eduardo A. (Orgs.). *Uma vida pela linguagem*. Homenagem a Émile Benveniste. Pontes Editores: Campinas, SP.
- FOUCAULT, M. (1996). *A ordem do discurso*. 3ª ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola: São Paulo.

- LOURO, G. L. (2001). Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Autêntica: Belo Horizonte.
- MARTELETO, R. M. (2001). Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação. In: *Ci. Inf.*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1> Acesso em: ago. 2018.
- MISKOLCI, R. (2009). A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: *Sociologias* (UFRGS), v. 21, p. 150-182.
- MISKOLCI, R. (2012). *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Autêntica: Belo Horizonte; UFOP: Universidade Federal do Ouro Preto,
- ORLANDI, E. P. (2010). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 9ª ed. Pontes: Campinas, SP.
- ORLANDI, E. P. (2007). *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Unicamp: Campinas, SP.
- ORLANDI, E. P. (1998). Identidade linguística escolar. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade*. Mercado de Letras: Campinas, SP.
- PÊCHEUX, M. (2006). *Estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 4ª ed. Pontes: Campinas, SP.
- POSSENTI, S. (1998). *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Mercado de Letras: Campinas, SP.